

## O Jornalismo e sua Narrativa Complexa<sup>1</sup>

Josué FERREIRA<sup>2</sup>

Tatiane HILGEMBERG<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### RESUMO

A pesquisa busca analisar como se constituiu a narrativa jornalística durante a pandemia Covid-19 na imprensa em Roraima. Para isso, utiliza a teoria da complexidade de Edgar Morin (2005) para identificar quais são essas interferências em quatro veículos de comunicação. Oito jornalistas foram entrevistados e foi feita uma análise de conteúdo. Por fim, criou-se o conceito de Avenidas Principais e Avenidas Paralelas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Pandemia; Narrativa Jornalística; Complexidade.

### A COMPLEXIDADE NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

A dissertação de meu Mestrado em Comunicação se dispôs a discorrer a relação do jornalismo com a pandemia, passando pela constituição da narrativa jornalística a partir do viés da complexidade de Edgar Morin (2005). Em síntese, - de forma alguma querendo simplificar a pesquisa, pois incorreria em condená-la - busquei entender quais fatores internos e externos faziam parte da construção da narrativa jornalística durante a pandemia da Covid-19, e que estão presentes no pós-crise sanitária. Os depoimentos de oito jornalistas, entrelaçados a uma discussão teórica e a uma análise de conteúdo, deram vida aos conceitos de Avenidas Paralelas e Avenidas Principais do processo de comunicação.

As primeiras dividem-se em cinco: avenida desinformativa; avenida pessoal; avenida familiar; avenida política; e avenida empresarial. Já as segundas são três: os relatos pré-vivência pandêmica; os ataques do público ao jornalismo e jornalista; e a hipótese de uma nova faceta do jornalismo. Cada avenida se manifesta de maneira distinta das outras e nos ajuda a entender o jornalismo praticado nas redações. Contudo, minha intenção neste resumo não se atém ao resultado desta análise, já que quatro páginas não seriam suficientes.

O que tratarei é o conceito de narrativa jornalística complexa, que ousou dizer ter surgido deste estudo, pois as discussões teóricas oferecidas anteriormente não deram conta da complexidade em torno da prática jornalística. Dessa forma, a discussão feita a partir do que me ofereciam os autores de narrativa e o brilhante Edgar Morin, surgiu a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 6 – Interfaces Comunicacionais do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR), e-mail: [josueferreiragomes1@gmail.com](mailto:josueferreiragomes1@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR), e-mail: [tatianehilgemberg@gmail.com](mailto:tatianehilgemberg@gmail.com).

narrativa complexa, avivada pela pandemia do coronavírus. Por isso, antes de tudo, é preciso entender os dois conceitos-chave: narrativa e complexidade.

Dalmonete (2009, p. 3) diz que o ato de narrar deve ser considerado movimento do narrador, “resultante de seu empenho, que, portanto, se reflete na enunciação”. Ele acrescenta que a narrativa parte de uma escolha intencional, cercada pelo efeito de sentir, é o que classifica como materialização das intencionalidades e das investidas de sentido. Com isso, a tendência é que o jornalista construa a narrativa jornalística baseada em um processo de representação, de como ele enxerga a realidade do espaço onde está inserido. Barbosa e Gerck (2018) falam que esse narrar é elemento chave na construção da própria sociabilidade.

Bruner (2002, p. 46) define a narrativa como “uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Paiva (2008, p. 261) acrescenta que muitos são os significados, desde uma história contada e recontada a uma série de eventos conectados em sequência, e que “as narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas”. Araújo (2011, p. 6) sinaliza que a narrativa faz parte do cotidiano jornalístico, “uma vez que visa dar sentido textual a um acontecimento”.

Portanto, o que se entende por narrativa jornalística é o resultado de um engenhoso processo de apuração, observação, reconstituição de fatos, harmonização de diferentes falas de personagens, escolhas de palavras, estruturação de texto, imagens e sons, para se apresentar um produto jornalístico a diferentes públicos que fazem parte do cotidiano jornalístico. Dessa forma, a transmissão de um fato para o público se dá a partir de coleta, mitigação, entendimento, opções, presentes em um cenário transitado pelo jornalista sozinho, ou por ele e sua equipe.

Esse genioso espelhamento dos contextos sociais pode ocorrer de diferentes formas: textos para sites de notícias, para narração no rádio, para *off* na televisão, informações lidas pelos apresentadores, fotos nas matérias, vídeos reproduzidos, etc. A narrativa jornalística passa por uma variabilidade de manifestações, não perdendo o compromisso com a verdade e se adequando à melhor maneira de informar o público. Ela é direcionada pelo jornalista nos diferentes campos do contexto social.

Da chamada para uma reportagem de rádio ou televisão até a despedida do repórter. A narrativa é fruto de um trabalho complexo de apuração e constituição da notícia, que transita da produção da pauta, no interior do veículo, ao ambiente externo à redação. Ela contempla a perspectiva do pauteiro, no momento de pensar a reportagem, a percepção do repórter, a partir do que vivenciou lá fora, do cinegrafista ou fotógrafo, pelo que viu através das lentes, e ainda pelas revisões antes de o material ser publicado.

E como fica a complexidade? Edgar Morin (2005) afirma que a complexidade tenta dar conta dos cortes feitos nos diferentes conhecimentos. Ele vai além: escreve que é necessário exercermos um pensamento capaz de lidar e dialogar com o real, não apenas tentar dominar esta realidade, como buscar, constantemente, a simplificação. Contudo, ressalva que a complexidade não elimina o simples, mas dissipa a ideia de reflexo unilateral da realidade. Ou seja, é a partir do pensar complexo que surgem novas

possibilidades, pensamentos e alternativas, que elevam o patamar de discussão e permitem pensar por variadas angulações sufocadas pela simplicidade.

A complexidade pode ser notada, portanto, de maneira objetiva: a busca pelo conhecimento em diferentes áreas - antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, saúde, educação, etc. -, o que une as informações e não as afasta, para que se tenha um conhecimento profundo sobre determinada situação, garantindo que o público interessado na cobertura midiática receba uma narrativa jornalística complexa. Complexa no sentido de completa, pautada no conhecimento e na diversidade proporcionada pelas diferentes áreas.

Dessa forma, entende-se que a complexidade é o resultado de um engenhoso processo de múltiplas facetas. Ela é o caminho para o entendimento mais amplo e inclusivo de ideias, possibilidades e verdades, buscando zerar a anulação do diferente e instigando o aprofundamento e a união dos conhecimentos sobre determinado fenômeno trabalhado nas notícias. No caso do trabalho de dissertação, a complexidade foi a chave para se observar as diversas etapas, as contradições e as interferências no decorrer da constituição da narrativa jornalística durante a pandemia da Covid-19.

Quando Morin fala em diferentes fios tecidos para formar uma única coisa, é possível exemplificar essa junção no processo de constituição da narrativa jornalística. A notícia narrada nada mais é que fruto de um trabalho a várias mãos, olhares, perspectivas e exemplos. Ao observar por uma dimensão complexa, percebe-se que, uma notícia, jamais será obra da unicidade, mas o resultado da junção dos saberes de diferentes áreas, provocado por um determinado fato, do relato (ou não) de personagens, que passa por uma avaliação profissional e pessoal do jornalista, ou seja, por onde começar e o que narrar, e, por fim, uma revisão final de outras pessoas. Vejamos, pois, que a constituição da narrativa é complexa.

Sendo assim, é indispensável iniciar uma discussão sobre a produção de notícias além dos critérios que a academia ensina. Grandes teóricos têm trazido para o processo comunicacional diferentes perspectivas, como as mudanças na recepção da notícia, a cultura como influenciadora na produção de sentidos, a transmídia cada vez mais presente no cotidiano, o consumo sendo analisado para entendermos os variados comportamentos. Tudo isso faz parte de uma transformação complexa no jornalismo, uma inovação no campo teórico e prático que não pode ser desprezada e trocada pela simplificação, mas estudada pela vertente da complexidade.

Dessa forma, narrar uma notícia, seja ela para qual plataforma for, envolve uma sequência de etapas essenciais até chegar ao público. A narrativa nasce, cresce e se desenvolve em um ambiente jornalístico, seguindo critérios específicos da profissão, levando as informações ao público. Por isso, a complexidade é o caminho para este processo, pois ela reúne variáveis de interpretações de diferentes espaços, comportamentos, opiniões e ideias, para que a notícia seja produzida. A narrativa só é complexa porque o processo que a cria é complexo.

Além disso, acredito que essa narrativa sofre mutações advindas do processo de constituição, ou seja, as interferências internas e externas contribuem para a formulação de textos ou reportagens. Tanto é que o foco da análise mencionada anteriormente foi a

constituição da narrativa jornalística a partir das percepções dos jornalistas, e não da narrativa publicada pelos veículos de imprensa roraimenses durante a crise sanitária. Isto é, trabalhou-se o entorno da narrativa, e não ela enquanto resultado, pois o processo anterior à narrativa finalizada é que se mostra complexo.

Na pandemia, os jornalistas se depararam com um novo cenário, onde a sequência de fatos foi uma realidade instantânea e necessária. Os olhos sociais se voltaram e forçaram a pluralidade de conteúdos, de diferentes áreas, a se transformarem em um ambiente dedicado quase exclusivamente a uma cobertura. A narrativa, então, não teve um fim, mas uma continuidade. Do tema pandemia surgiram subtemas que mereceram atenção da mídia e estiveram inteiramente vinculados ao mesmo ponto central.

O jornalista é, portanto, um ser complexo, que vai refletir a sua complexidade na constituição da narrativa que lhe for atribuída. E, ao conectar os campos opostos em busca de uma resposta congruente e plausível para as mudanças que afetam não apenas o jornalismo, o cotidiano, ou as situações próximas a nós, amplia esses pensamentos para todos os espaços onde estamos na tentativa de os usar como elo de um conhecimento complexo e unificador. Assim, é possível indicar um caminho de como aproveitar as experiências internas e externas do processo narratológico para torná-lo mais completo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bruno Bernardo. **A narrativa jornalística e a construção do real**. 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

BARBOSA, Marialva; GERK, Cristine. Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.

BRUNER, J. Atos de significação. 2. ed. Tradução. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo**: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência. Salvador: EDUFBA, 2009.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor – 8ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PAIVA, V. L. M. de O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 8 (2): p. 261-266. 2008.